

## JÂNIO

Parece que o governo de São Paulo irá mesmo parar às mãos do sr. Jânio Quadros. O seu caso, e também o do sr. Ademar de Barros, servem para mostrar que a onda de populismo, se foi muitas vezes açulada e cavalgada pelo sr. Getúlio Vargas, é um fenômeno que supera de muito a pessoa do finado presidente. Mesmo levando em conta sua tendência a navegar a favor do vento e seu grande oportunismo, o sr. Getúlio Vargas era, afinal de contas, um político da Primeira República; nela foi deputado estadual e federal, governador e ministro. Bacharel e filho de fazendeiro, tinha toda tendência a ser conservador. O acaso fez dele um instrumento do reformismo e afinal um chefe populista. Era bastante maleável para isso, mas basta examinar, por exemplo, o seu primeiro Ministério, de 1951, escolhido quando ele dispunha de uma força e prestígio como nenhum presidente eleito jamais dispôs, para sentir seu velho apêgo aos valores passados. Havia um contraste evidente e às vezes até chocante entre sua pessoa — sua formação, seu volume físico, sua situação econômica, seu charuto, sua displicência fundamental e seu comodismo — e o papel de agitador permanente que as coisas e os homens o levaram a representar.

Os candidatos de seus partidos em São Paulo não conseguiram, entretanto, influir sobre as massas. Dois outros chefes populistas disputaram-se a maioria do eleitorado. Ambos, pode-se dizer, trabalharam a mesma safra que antigamente era colhida pelos comunistas e integralistas. Para eles foram os descontentes, os ressentidos, os homens do povo dolcemente conscientes de nossas injustiças sociais; e também os eleitores ansiosos por um governo forte e capaz, realizador, viril. Juntaí a isso os aventureiros e especuladores de todo o tipo, os que jogam num candidato como quem joga em um cavalo, os místicos e os cínicos.

Nem o sr. Jânio Quadros nem o sr. Ademar de Barros são revolucionários, nem tal se dizem. O primeiro fala sobretudo em limpeza; o segundo sobretudo em realizações. O populismo de um e outro não tem nenhuma substância revolucionária, nem mesmo traz um programa reformista. Ambos os movimentos são, como o getulismo, feitos em uma base estritamente pessoal e não têm qualquer sentido se abstrairmos deles as pessoas de seus chefes.

O que eles capitalizam, afinal de contas, é a profunda insatisfação das massas. Não procuram, entretanto, organizar essa força, estruturá-la em torno dos princípios de um programa.

A pior coisa que se pode dizer do sr. Jânio Quadros é que ele sobe ao governo de São Paulo já de olhos voltados para o Catete. Seus amigos negam isso, mas não são convincentes. O provável é que tenhamos um candidato ao Catete sem nenhum "test" ponderável de capacidade administrativa, pois tudo o que ele fez no pouco tempo em que esteve efetivamente na Prefeitura pode ser considerado como propaganda para sua candidatura estadual.

De qualquer modo, os que se alarmam em demasia com figuras como a do sr. Jânio Quadros são convidados a lhe abrir um crédito qualquer, visto que o povo o escolheu. O que de mal se aponta nele são desagradáveis processos políticos, mas não desonestidade administrativa, nem preguiça, nem corrupção, nem falta de espírito público. Vamos ver, afinal de contas, como ele governa São Paulo — e, para começo de conversa, vamos ver se ele se dispõe mesmo a governar a rica província ou fazer dela apenas um trampolim para sua vertiginosa ambição.

13/10/54

R. B.

168